



# Jornal *O Cola*

DE LETRAS PARA LETRAS



«Assim, ao entrarem neste novo capítulo, encorajo-vos a perseguir o que realmente acende a vossa alma, mesmo que vos assuste. Saiam da vossa zona de conforto, porque é aí que a magia acontece.»

(p. 6)

UMA NOVA ETAPA

**POR OUTRAS LETRAS**

© Universidade de Lisboa

## **SOMENTE EU**

«É o preço de ser mulher numa sociedade em que o teu valor é definido por como cuidas da tua casa, por como cuidas do teu marido, por como cuidas dos teus filhos, por como cuidas dos outros todos, não por como cuidas de ti.»

p. 13

## **TOP 5**

**Voluntariado em Lisboa**

Queres fazer voluntariado numa associação, mas não sabes a qual te juntar? *O Cola* apresenta-te 5 associações.

p.1

## **GORONGOSA, UM EXEMPLO DE RECUPERAÇÃO**

«Tudo isso tem impacto na reprodução animal, na vegetação e na migração dos animais, prejudicando assim tanto a fauna e flora, como outras atividades, como a agricultura.»

p. 16

---

## **Bem-vindos, bem-vindas e bem-vindes!**

Às pessoas que estão cá por mais um ano e às que acabaram de chegar, dou-vos as boas-vindas à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Como gosto de dizer, esta grande Instituição é casa. É aquele sítio onde podemos ser nós próprios, onde nos chateamos com as burocracias impostas pelos Serviços Académicos e com os preços da comida nos bares. É onde percebemos que não sabemos nada e que tanto temos para aprender. Onde choramos nas escadas, rimos nos corredores e apanhamos sol no jardim. É a Faculdade de Letras!

A quem não nos conhece, somos o jornal académico de Letras que se propõe, desde abril de 2021, a representar a comunidade dando-lhe voz, algo que consideramos extremamente importante e necessário. Esta é a 8ª edição produzida por uma equipa de, à data do lançamento, mais de 30 colegas empenhados em fazer com que tudo funcione da melhor maneira possível.

É a dar-vos as boas-vindas e a desejar-vos um excelente ano letivo que me despeço deste projeto do qual faço parte desde o início. Quando entrei para *O Cola*, no grupo de comunicação, era caleira. Depois de colaboradora, fui representante de comunicação, mais tarde subdiretora e, há um ano e cinco meses, diretora. O meu percurso aqui é o exemplo de que vocês podem crescer e adquirir variados conhecimentos, por isso, se estavam a pensar entrar para este belo projeto, têm o meu incentivo para o fazerem. O mundo está a um palmo de distância de vocês, não tenham medo de o agarrar com força e nunca desistam do que mais ambicionam. Ninguém precisa de acreditar nos vossos sonhos, só vocês mesmos, mesmo depois de baterem com a cabeça na parede vezes sem conta.

Depois de estar licenciada em Ciências da Linguagem, parto para outra aventura, dando continuidade aos meus estudos na área da Comunicação noutra Instituição. É a parte incrível de ser licenciada aqui, não há limites para as escolhas do futuro!

Despeço-me agradecendo aos meus colaboradores pelo trabalho e empenho depositado no projeto e deixo um obrigada especial à Rita Magalhães (subdiretora), à Beatriz Lourenço (tesoureira), ao Tiago Correia (representante de jornalismo), à Matilde Mala (representante de edição), à Sara Fernandes (representante de tradução) e à Mariana Correia (representante de comunicação), que foram quem mais me ajudou.

Muita sorte, muita força, muita luta e boas leituras,  
A Diretora,  
Bruna Luz

---

# Top 5 Associações para fazer voluntariado em Lisboa



## 1. Programa da Juventude - IPDJ

Com o intuito de promover a prática de voluntariado na camada mais jovem, o IPDJ oferece inúmeras possibilidades de programas em diversas áreas. Desde a intervenção mais ativa na comunidade a trabalhos internacionais.

Para mais informações consulta:  
<https://programas.juventude.gov.pt/>

## 2. União Zoófila

Ser voluntário na União Zoófila é saber que é necessário ter tempo para passar com todos os animais que vivem constantemente sem companhia. Ser voluntário na União Zoófila é limpar o seu espaço, alimentá-los, passeá-los e receber gratidão e confiança em troca.

Conhece o programa em:  
<https://www.uniaozoofila.org>

## 3. Just Change

Dedicado à reabilitação e renovação de casas, o voluntariado Just Change pretende dar uma nova qualidade de vida a todos aqueles que não tenham um lar. Semeiam alegria, esperança e caridade.

Informa-te em:  
<https://justachange.pt/en/>

## 4. SPEAK.Social

A SPEAK.Social tem como escopo ajudar todas as pessoas que não conheçam uma língua, dinamizando também a cultura que se acarreta à mesma. Todos os *buddies*, que são os voluntários predispostos a ensinarem a sua língua, ficarão encarregues de ajudar quem mais precisa. O projeto, além de muito dinâmico, oferece ainda a possibilidade de conhecermos culturas diferentes e de criar um impacto social positivo na vida de muitas pessoas.

Fica a saber mais:  
<https://www.speak.social/en/>

## 5. Ajuda de Berço

A Ajuda de Berço é uma associação de voluntariado focado em crianças, nos seus sorrisos e, acima de tudo, no seu bem-estar. A ausência de ter uma família é uma realidade vivida por todas elas e cada voluntário tem a missão de colmatar essa falta, ajudando no que for necessário relativamente às necessidades que tenham no momento, sendo que o tempo de qualidade é o mais importante que alguém lhes pode doar.

Pesquisa para saberes mais:  
<https://www.ajudadeberco.pt>

Autoria: Gonçalo Counhago e  
Mariana Calha  
Edição Matilde Mala

## Trata Bem as Pessoas

Autoria: Inês Cândido  
Tradução: Leonor Gomes  
Ilustração: Nobre Bastos

Estávamos no início da primavera.

O sol ia alto e o céu estava limpo, se bem que as ruas ainda se enchiam de gente com casacos e camisolas de malha nas mãos. Era a primeira vez em semanas que Alex saía do seu condomínio. Seguramente que ainda estaria fechada no quarto não fosse o facto de que a comida estava a acabar. Alex tinha pensado seriamente em viver só de *UberEats* para o resto da vida, no entanto, a sua situação de recém-desempregade impedia-lhe de realmente se comprometer com isso.

Portanto, aqui estava. De momento, encontra-se na paragem de autocarro junto à mercearia mais próxima de que se lembrara. Alex não conseguia encontrar a energia para se rir do nome da loja como dantes, quando era mais jovem. *Mercearia Rapidinha* era o nome. Quando Alex já tinha idade para perceber como se faziam os bebês, uma simples lembrança daquilo era o suficiente para soltar um risinho.

Hoje em dia, parecia que já nada fazia rir Alex.

Entrando, pegou rapidamente numa pequena cesta e começou a percorrer a sua lista mental de compras: leite, ovos, pelo menos alguns pacotes de *waffles* congelados. *Só preciso de comprar umas coisas essenciais por agora. Também devia comprar desodorizante.* Felizmente, a loja estava quase deserta, já que a maioria das pessoas preferia ir a um centro comercial. De qualquer das formas, Alex já começava a sentir os suores frios. Já não estava habituado a estar no mundo exterior e queria, desesperadamente, voltar para casa.

Alex começou a colocar seus objetos no tapete rolante, sentindo-se a dissociar lentamente do que se passava à sua volta. Ultimamente, isto vinha a acontecer com demasiada frequência, mas senti-lo a acontecer em público fez Alex entrar em pânico e apressar-se para deixar aquele sítio.

«Adoro o teu *hoodie!*»

Assustando-se, Alex procurou a voz que ê distraiu da falta de pensamentos. «Vejo que também tens uma crush enorme pelo Pedro Pascal. Compreensível, ele é o *daddy* da internet neste momento.» O elogio veio da caixa – de uma rapariga de cabelos verde-floresta –,

e ela estava a olhar para a roupa de Alex com um sorriso amável.

«Ah, sim», foi difícil inventar algo para dizer à empregada. Além de estar perto de se dissociar completamente, Alex não interagira com outro ser humano há semanas. «Eu... acabei de ver *Narcos* há pouco tempo.»

«Que fixe! Estou agora na segunda temporada, por isso – são dez cinquenta e cinco, por favor – nada de *spoilers!*» A rapariga, Charlotte, como se lia na lapela, estava claramente a tentar fazer conversa fiada, mas Alex não tinha a certeza se conseguia retribuir.

«Tens de continuar a ver, é muito bom. Obrigade e bom dia.» Saiu rapidamente da loja e começou a caminhar em direção à paragem. Se tivesse acontecido há uns anos atrás, Alex teria certamente tentado obter o número dela. Só que agora tudo parecia extra difícil. Enquanto se sentava num lugar vago, Alex procurou no saco das compras o pacote de pastilhas que tinha comprado. Reparou no pedaço rabiscado dum lenço de papel junto ao recibo, o qual não tinha visto antes, e leu-o.



«Olá, estranhe :)»

Acabo de te ver entrar na loja e parece que estás a precisar de um abraço!! (e talvez de uma bebida haha) Eu acho o teu hoodie mesmo fixe e estou a tentar ganhar coragem para dizer olá porque também és muito fofinho... Espero que a vida te ande a tratar bem, fica bem pf!!!

- Charlie xx.»

Hoje em dia, parecia que já nada fazia rir Alex. Contudo, este pequeno pedaço de lenço de papel conseguiu esboçar-lhe um sorriso no rosto – precisa mesmo de voltar a ir às compras e de arranjar o número da miúda gira.

## As Estrelas mais Escuras do Céu

Autoria: Carolina Franco  
 Ilustração: Nobre Bastos

Lembras-te, meu amor?

Tu conheces esta história.

Um primeiro encontro. Uma festa. Umas bebidas.

«O que é que uma mulher tão linda como você está a fazer num local tão degradado?» Tu falaste com tal atitude que eu te queria bater e depois beijar-te até me sentir dormente. Sempre tive um fraquinho por aparências.

«Vai à merda», murmurei. Desobediente como sempre, ajudaste-me a chamar um táxi e foste-te embora. Acordei com o teu número de telefone no bolso. Conhecer-te fez-me compreender a frustração de odiar uma coisa tanto quanto a desejo.

Eu liguei-te porque é claro que sim, tu eras deslumbrante e eu era parva.

«Apaixonar-me por ti foi tão fácil como respirar, sabes. És simplesmente demasiado encantadora», confessaste, alguns encontros depois, numa tarde quente de primavera.

«Meu Deus, eu odeio-te e às tuas confissões lamechas.», lamentei, sentindo as minhas bochechas a ficarem vermelhas, apesar do frio persistente do gelado de menta que tínhamos acabado de partilhar. Desfizeste-me do meu constrangimento com um sorriso no rosto e os teus lábios nos meus.

Na manhã seguinte, eu estava despida na tua cama e tu estavas a fazer-me o pequeno-almoço.

Estávamos a namorar há cinco meses, quando questionei a tua fobia pela primeira vez. Estávamos no teu sofá de pele com uma textura horrível, o teu colo a servir de almofada e um filme de terror terrível a passar na televisão.

«Porque é que detestas fotografias?», perguntei. «Foges dela como se foge da peste. Quero dizer, eu entendo que és uma pessoa privada, mas... Não sei. Parece extremo.» Olhaste para mim brevemente, como se estivesse a ponderar a tua resposta. Um grito mal atuado preencheu o silêncio.

«Eu acho que estou a ser observado.», respondeste. Pisquei uma, duas vezes. «É uma espécie de psicose, eu penso sempre que alguém me está a observar, por isso tenho medo de câmaras.»

Tudo o que podia fazer naquele momento

era apertar a tua mão, mas quando vieste para minha casa, tapei a minha *webcam* e escondi o meu telefone debaixo de uma almofada.

Os meus amigos não entendem e eu não os posso julgar. Eles não sabem como foi encontrar a última mensagem de voz que me enviaste, sussurrando horrorizado sobre demónios em formato de olho que não estavam realmente lá. Demónios que te roubaram de mim.

Dizem-me que não me devo culpar, mas como não o fazer quando eu tinha quinze chamadas não atendidas e poderia ter-te salvado? Eu olho para as estrelas do pátio da nossa casa todos os dias, no meio da névoa de mais uma noite fria, e procuro a mais brilhante, sabendo que não serias tu.

Tu odiavas ser visto.



Eu lembro-me no meio de lágrimas salgadas e de suspiros tremidos. Lembro-me porque não posso fazer mais nada além de me lembrar. Lembro-me porque memórias são a única coisa que o meu coração tem para se agarrar. Lembro-me porque a tua família te deserudou, os teus amigos eram terríveis e eu estava sozinha no teu funeral. Lembro-me porque, se não me lembrar, tenho medo de que ninguém se lembre.

Tu conheces esta história, meu amor, porque eu era um poeta e tu eras um rei e nós nunca pertencemos a este mundo.

Quando o teu rosto se tornar um borrão e o meu objetivo já não existir, vamos encontrar-nos novamente. Até lá, espera por mim, porque seremos as estrelas mais escuras do céu, brilhando eternamente na escuridão.

## A Última Dança

Autoria: Anónimo  
Edição: Matilde Freitas  
Ilustração: Nobre Bastos

Quão fascinante é olharmos para trás, pensar que vivemos durante anos sobre a distância de um olhar e nunca quisemos que eles se cruzassem. Crescemos no mesmo meio, frequentámos os mesmos locais, até grupos de amigos partilhámos, e ainda assim não foi o suficiente para vermos potencial um no outro. Mudámo-nos para uma cidade maior, com mais pessoas e, ainda que a vida estivesse mais propícia para que nos afastássemos, não sei se por um grande acaso do destino, este encontro estava marcado e tinha de acontecer.

É estranho pensar que logo naquela noite tudo foi diferente: a adrenalina invadiu-me, o sentimento de estar a conhecer a pessoa que desde sempre idealizei assustou-me e fez-me retraindo essa vontade de estar contigo, porque nunca nada é tão bom quanto parece. Talvez por ter começado tudo tão diferente do habitual, o clichê já não me cative e já não veja beleza naquilo que outrora considerava normal. Habitaste-me ao diferente, tão diferente que agora nada me agrada, mas ainda que a saudade prevaleça, isso não significa que te queira de volta. Mesmo que às vezes só pense em ligar-te, fico imóvel. Há algo em mim que não me deixa prosseguir, não me deixa fazê-lo. Talvez seja amor, amor próprio, amor às feridas que começaram a sarar, aquelas que tu abres num ápice sem sequer te importares, aquelas que se abrem novamente assim que me recordo de ti, sem que precisas de fazer nada. A esperança e o medo que tenho de te encontrar a cada esquina que passo são absurdos. O medo de me perder em ti e automaticamente de me perder a mim novamente. Amar alguém mais do que nos amamos a nós mesmos é um erro tão facilmente exequível, é uma linha tão fina, tão tênue.

Decidimos ser assíduos no pensamento um do outro e foi no processo de sentir borboletas na barriga que te olhava enquanto dor-

mias e dizia para mim mesma: «Esta queda vai ser grande e eu estou sem paraquedas». Parece que não me enganei. As lágrimas escorriam-me pela face, cada vez que te olhava e não sabia se tinhas sido a minha sorte grande ou a minha maior lição. Ainda assim, decidi embarcar nesta viagem e aproveitá-la ao máximo, sabendo à priori que perderia a minha bagagem, que ia ser uma viagem turbulenta. Hoje afirmo que foste a minha maior viagem, a que mais me obrigou a crescer, na que mais aprendi. Neste momento, só quero recuperar a minha bagagem e voltar a ser eu mesma, com o medo permanente de nunca mais me encontrar. Levaste-me contigo e não sei se ainda me tens guardada ou se já me soltaste nalguma esquina, mas sinto falta de mim. E quando achava que já te tinha ultrapassado, escrevo e tento completar esta que é para mim a nossa carta de despedida, mas continuo a não ser capaz.

Continuo a não me sentir pronta para me desvincular de ti, mas quero tanto que isso aconteça que não paro de escrever, ainda que os olhos permaneçam inundados e eu já nem veja bem as palavras. Rodeio-me de argumentos clichês que finjo que me satisfazem e aliviam a dor e justificam tudo aquilo que fizeste, como se alguma justificação fosse suficientemente plausível: «É só uma fase menos boa, vai passar». Se ao menos soubesses o quanto eu odeio esta frase, o quão desesperante é ter de esperar por uma fase sem data de validade.

Continuo a pensar em ti diariamente, ainda que não falemos há meses. É como se não necessitasse da tua presença física para permaneceres na minha mente. A memória trama-nos. Trama-me. É inevitável, fico abalada com muito pouco. Sempre que passa um carro igual ao teu ou quando alguém com o teu cheiro passa por mim, quando dizem o teu nome ou até mesmo quando passa o 768 e me recordo da nossa rotina. Nunca mais apanhei esse autocarro, afastei-me de tudo o que me lembra de ti, inclusive daqueles que mais gostas, para não haver sequer abertura de



surgires como tema e, ainda assim, não consigo tirar-te de mim. Continuo a gostar de ti.

Segui o teu conselho. Pensei mais em mim, pus-me em primeiro lugar e uma atitude tão primária custou tanto. Agora um bocadinho mais egoísta, sei que não te consigo aceitar de volta ainda que as saudades me matem lentamente.

Já não acredito num reencontro inesperado e muito menos num propositado, como costumavas fazer só porque querias ver-me e à minha reação incomodada ao ter de coabitar no mesmo espaço que tu. Já não acredito porque não te conheço, e já não te conheço porque já não consigo prever as tuas atitudes outrora previsíveis e se isso implicar que crescestes e amadureceste, então não foi tudo em vão e fico “feliz” por sermos mais uns estranhos que já foram tanto. Ficou tanto por dizer e vai haver sempre algo a acrescentar quando alguém se afasta por medo, medo de sentir.

É uma espécie de montanha-russa, cheia de altos, baixos, curvas e contracurvas. Há um sentimento de adrenalina que te invade e o único pensamento que se instala é «qual a chance de correr mal?». É aqui que está o erro, porque naquele momento não temos nada a perder. Mais tarde, a tua cabeça é inundada com dúvidas, medos, arrependimentos. Mas já é tarde demais. O apito de descolagem toca, as cadeiras começam a andar e não tens outra opção senão embarcar na viagem. A viagem mais curta que terás é aquela que, ainda assim, te despertará sentimentos que nunca pensaste sentir. Quando dás por ti já estás a 100km/h no ar e a sorrir e, quando paras, um sentimento de felicidade invade-te e tu queres repetir a experiência. Erro crasso.

Nunca vamos experienciar uma viagem da mesma maneira, tal como nunca vamos encontrar a mesma pessoa duas vezes. Naquele momento, já não queres saber de nenhuma outra montanha-russa. Foi naquela que todas as tuas emoções se despertaram, foi naquela que tu colocaste a tua confiança, que decidiste deixar ir os teus medos e mais nenhuma será igual por muito boa que seja. Repetes vezes e vezes sem conta e já nem sais da cadeira onde te sentaste inicialmente, sempre com vontade da próxima viagem. Avisa-te quem está de fora, sem a miopia causada pelo amor, que é tudo uma questão de

tempo, que todos os vícios são maus e não podes alimentar sentimentos de dependência. Ainda que contrariada, sais e tentas procurar noutra montanha-russa aquilo que a primeira tinha, aquilo que te fazia sentir, mas não encontras, porque as montanhas-russas são todas diferentes e cada uma com mecanismos muito próprios, únicos até. Olhas para trás e percebes que afinal até tinham razão e já nada daquilo te fazia bem, porque ainda que estejamos no fundo do poço, teimamos em pôr vírgulas onde só há lugar para pontos finais. Deixar partir, é esse o primeiro passo e o mais difícil também. Um verdadeiro ato de amor que custa mais que qualquer outro.

É um processo demorado, longo, que nos deixa com dúvidas. Começas a perceber aos poucos que fizeste a escolha certa quando saíste dessa aventura, ainda que te custe estar de fora a observar novas pessoas a entrarem a cada segundo. Sentes novamente o nervoso miudinho sempre que vais a uma nova montanha-russa e o medo começa a falar mais alto do que a adrenalina, e hoje, o medo de montanhas-russas invade-me e não penso sequer em voltar a entrar em nenhuma. Claramente não me refiro a montanhas-russas.

Decidi procurar ajuda, por sentir que já estava a carregar um fardo demasiado pesado para mim, e entendi que a miopia do amor é complicada e, ainda que eu tenha consulta de oftalmologia todas as quintas-feiras às 12:00, tem sido complicado curá-la. Claramente não me refiro à miopia.

Esta é a nossa primeira dança e também a última, aquela que nunca chegámos a ter, porque eu demonstrava demasiado afeto em público, aquela que tu não conseguias ter por ser um gesto demasiado chamativo. Uma dança diferente, uma daquelas que tu gostas em forma de palavras, ora porque são mais discretas, ora porque não dão tanto trabalho. Mas engana-se quem acha que escrever aquilo que sentimos não é complicado. Engana-se quem acha que é fácil manipular as palavras e que é fácil escrever tudo isto sem sentir.

Obrigada a ti.

Obrigada por me ensinares uma das maiores lições que já tive de aprender mesmo não querendo, por me obrigares a crescer ainda que prematuramente porque, apesar de tudo, não consigo não te agradecer: fizeste de mim a pessoa mais feliz deste mundo.

---

# Uma Nova Etapa

---

# POR OUTRAS LETRAS

Chegaste à FLUL e não sabes o que fazer no futuro nem como gerir as expectativas para este ano letivo? *O Cola* deixa-te alguns testemunhos e mensagens de colegas da Faculdade de Letras e ex-colegas que embarcaram em desafios ainda maiores noutras áreas, noutras Faculdades e até noutros países.

## Tudo com Calma



Parabéns a todes es que estão a ler esta mensagem, bem-vindes à Faculdade de Letras!

Primeiro que tudo, quero assegurar a cada uma de vocês que é absolutamente normal sentir um turbilhão de emoções neste momento. A incerteza, as inseguranças e os ocasionais momentos de medo chocam com o entusiasmo, a ânsia e a felicidade. Faz parte do pacote, *embrace it*.

Encontram-se num ponto único nas vossas vidas. São jovens, cheies de curiosidade e abençoades com tempo. Esta combinação é um tesouro que vos permite explorar, experimentar e descobrir o que verdadeiramente ressoa com o vosso coração e alma. Não tenham pressa, aproveitem a viagem. Não há necessidade de terem tudo planeado.

Em vez disso, recebam este período de autodescoberta de braços abertos. Espremam tudo o que há para espremer desta oportunidade, uma que muitas não tiveram. Experimentem coisas novas, juntem-se a núcleos, metam conversa com pessoas e não tenham medo de cometer erros. É através destas experiências que descobrirão as vossas paixões e talentos, e conhecerão pessoas maravilhosas.

Assim, ao entrarem neste novo capítulo, encorajem-vos a perseguir o que realmente acende a vossa alma, mesmo que vos assuste. Saiam da vossa zona de conforto, porque é aí que a magia acontece. Abraçam o desconhecido, pois é a chave para a vossa felicidade e realização.

Relaxem, são jovens e têm todo o tempo do mundo para descobrir as coisas. Apreciem esta bela jornada de autodescoberta e aprendizagem. Bem-vindes mais uma vez à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde os vossos sonhos e aspirações podem ganhar asas.



---

## O Começo do Começo



**Tiago Correia**  
*Licenciado em Línguas,  
Literaturas e Culturas  
Mestrando em Ciência Política  
e Relações Internacionais na  
NOVA FCSH*

O meu nome é Tiago Correia. Tenho 21 anos e sou mestrando na NOVA FCSH. Apesar de parecer um passado longínquo, também já fui caloiro na Faculdade de Letras.

Passei o ensino secundário um pouco à deriva, não era de todo um bom ou interessado aluno. Os moldes rígidos das 8 horas diárias estritamente regulamentadas, com presença compulsória, intervalos prescritos e a proibição de aparelhos eletrónicos e de diálogo entre alunos molestavam-me. O meu comportamento inapropriado e desatenção refletiam a minha inadequação ao ensino obrigatório.

Mas, com resultados assim, o que me esperaria com o capitular do ensino secundário? A promessa da licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas foi o que me fez perdurar até à realização dos exames. Fiz diversas visitas à Faculdade de Letras para explorar a sua beleza arquitetónica e imaginar-me pelos corredores a explorar intelectualmente a minha paixão por línguas e culturas.

Enfim, ingressei na faculdade contemporaneamente ao início da pandemia, o que dificultou imenso uma transição já árdua. A diferença entre o ensino superior e o secundário foi avassaladora. Recebi diversas «chapadas na cara» de professores, colegas, funcionários e disciplinas. Para piorar, contraí o vírus no primeiro mês de aulas, forçando-me a frequentar apenas metade das aulas, aquelas que eram realizadas online. Não obstante, a acrescida autonomia permitiu-me desabrochar. Fazer as coisas ao meu ritmo e da forma que eu preferia potenciou-me enquanto aluno.

Especializei-me com Major em Estudos Norte-Americanos e Minor em Estudos Asiáticos. Foquei-me essencialmente no estudo dos Estados Unidos e da Ásia Oriental. Os meus principais interesses ao longo do curso foram cultura e política e como um influenciava o outro. Envolvi-me em associativismo e no desenvolvimento do, então ainda jovem, *Jornal O Cola*, ao qual pertenço há 2 anos e sou representante do grupo de Jornalismo há um ano e meio.

Eventualmente, concluí que pretendia seguir investigação em Ciência Política e Relações Internacionais numa ótica de estudos de Globalização, um fenómeno que passei a licenciatura a discutir. No meu último semestre, pude fazer a minha primeira contribuição para o mundo académico, compondo o meu primeiro ensaio científico no Seminário em Estudos Norte Americanos e apresentando-o na 43ª Conferência da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, realizado na Universidade Católica Portuguesa.

Agora que me despeço, faço-o sabendo que tive amizades e experiências incríveis. Aos novos alunos: não temam. A FLUL é dotada de docentes altamente qualificados e alguns dos colegas mais cultos e bem-intencionados que alguma vez conheci. Nada, muito menos a faculdade, é perfeito, mas Letras abre mundos!

---

## Tentar de Novo



**Mariana Graça**  
*Licencianda em Línguas,  
Literaturas e Culturas  
(3.º Ano)*

Já todos sabem que sair da zona de conforto é algo geralmente pouco apreciado pelos seres humanos em qualquer etapa da vida. Por isso, acredito que é necessário não só força física, mas também força mental e de espírito para poder dar início, de forma positiva, a uma nova fase da nossa vida. Naturalmente, o mesmo sucedeu comigo... desde o stress dos exames nacionais até à candidatura para a universidade. No meu caso, posso dizer que experienciei o ano de caloiro por dois anos consecutivos, uma vez que, na minha primeira candidatura de acesso ao ensino superior, não consegui ficar colocada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa tal como desejava, mas sim noutra faculdade, bastante diferente daquilo que idealizava.

Este primeiro ano de licenciatura não foi o melhor, quer em termos de experiências sociais, quer em termos de integração na comunidade universitária, já que, na altura se viviam os tempos de COVID com restrições bastante apertadas.

Felizmente, no ano seguinte, candidatei-me de novo e consegui entrar na FLUL. Já não estava tão nervosa como no ano anterior, pois já tinha ideia do que es-

---

tava por vir, mas a FLUL superou as minhas expectativas. A primeira vez que entrei pela entrada principal da faculdade, senti algo diferente do que senti no ano anterior: o ambiente é cheio, não apenas de pessoas, mas também de ideias, culturas e pensamentos interessantes e distintos. Creio que o que distingue a nossa faculdade das outras é sem dúvida a diversidade de alunos e professores que passam todos os dias pelos corredores agitados. Apesar de não ter frequentado os primeiros dias de praxe, por escolha própria, não foi por isso que fiz menos amizades ao longo do meu primeiro ano. Aliás, guardo até hoje amigas que fiz no primeiro dia de aulas e sinto-me extremamente sortuda por isso. Lembro-me até hoje: primeira cadeira, sala cheia de gente nova, nervosismo a pairar no ar, mas foi isso que nos uniu. O facto de estarmos todos ali pela primeira vez e por um motivo em comum: aprender algo novo. E posso assim dizer que foram precisamente os pontos negativos e, vá, alguns positivos, dessa cadeira que nos aproximaram umas das outras.

No decorrer das primeiras semanas, ganhei também iniciativa e fui aos vários convívios e atividades que, não só a faculdade, mas também a associação de estudantes ofereceu, e que me criaram oportunidades para conhecer mais estudantes do meu curso, mas também de outros distintos cursos.

No geral, posso apenas dizer que tive uma segunda oportunidade de viver o meu ano de calouira e que gostei imenso! Espero que os novos estudantes se sintam acolhidos e que tenham uma boa experiência no decorrer destes três anos de faculdade. Boa sorte!

---

## Façam a Diferença



**Luís G. Rodrigues**

*Licenciado em Estudos de Cultura e Comunicação*

*Mestrando em Ciências da*

*Documentação e Informação na FLUL*

*Investigador bolseiro e Vice-Presidente do projeto "Europa Hoje"*

A primeira vez que conheci realmente a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa foi, provavelmente, como uma boa parte da nova comunidade estudantil que agora ingressa neste novo ano letivo conheceu: através de um Dia Aberto. E gostei tanto que acabei por ir a dois destes dias na FLUL. Até que entrei, em 2019, na Licenciatura de Cultura e Comunicação e o fascínio só aumentou.

Admito já que a minha experiência foi repleta de

acazos felizes: excelentes Professores – tirando um ou outro, claro, mas já pude aferir junto de outros colegas que a minha taxa de sorte nesta categoria foi particularmente alta –, grupo de amigos logo desde o primeiro semestre do primeiro ano e uma grande vontade de ali estar, uma grande vontade de pertencer àquele meio académico.

Não deixa de ser engraçado que, no meu primeiro ano, «O Cola» era um lugar de convívio, um café mais descontraído, onde se passavam boas tardes de conversa. Agora, depois do seu trágico desaparecimento, «O Cola» ressuscitou na forma deste ainda jovem Jornal que rapidamente se tornou na plataforma predileta dos estudantes de Letras para comunicarem ideias, pensamentos e reflexões.

Mas a Faculdade de Letras é mesmo isso: um espaço de constante transformação e descoberta. Basta dizer, por exemplo, a título pessoal, que entrei em Cultura e Comunicação – ou «CC», como é comumente designado – a pensar que a parte da Comunicação seria a minha favorita. Enganei-me, *more or less*. Durante os três anos de Licenciatura acabei por constatar que também a parte da Cultura teve um papel preponderante na minha formação e que ambas as vertentes, em conjunto, fazem do curso aquilo que é. O fascínio por cadeiras como História das Ideias Contemporâneas, Cultura e Sociedade, Análise do Discurso, Sociologia da Comunicação, Estudos Culturais ou Cultura Moderna determinou aquilo que agora são não só partes integrantes da minha profissão como Investigador no Centro de Estudos Clássicos, como duas paixões absolutamente centrais na minha vida: política e comunicação. Este autêntico *mix* de diferentes conteúdos e a abordagem sempre flexível em termos de ideias para trabalhos e discussões em sala de aula por parte dos Professores que tive foi crucial para poder desenvolver este gosto particular.

A par das aulas, por sentir que tinha de contribuir para o ambiente académico da Faculdade, juntei-me a vários projetos e criei outros. Logo em 2020 fui membro integrante d'Os Fazedores de Letras – que então era o grande Jornal bem reputado da FLUL, mas que entretanto foi perdendo essa distinção – e foi lá que, pela primeira vez, escrevi para um público «maior» sobre temas que me interessavam. E como uma coisa leva a outra, por essa altura comecei também a escrever para o *Diário do Distrito* e para a revista *Fantastic*. Sempre por iniciativa própria. No ano seguinte, saí d'Os Fazedores por discordâncias pessoais e políticas sobre a atuação do Jornal – que na altura foram até públicas! Como estava aceso o debate entre a comunidade fluliana! – e abracei outros projetos. Fundei a Sociedade Ecológica Estudantil (SEE), fui

membro da Comissão de Curso e Aluno Mentor. Mais tarde, nesse ano, fiz parte da Lista T – numa eleição que ainda dá que falar... – e, com a ajuda da equipa extraordinária que tínhamos, conseguimos eleger o nosso Conselho Fiscal, do qual tive o prazer de ser Presidente. Nos dias de hoje, estou a fazer Mestrado em Information Science, integro o Projeto Europa Hoje, escrevo para o *Observador* e sou Investigador na FLUL. Tudo isto serve somente para dizer, em especial aos mais recentes estudantes da FLUL, que é de extrema importância que se envolvam em núcleos, sociedades, projetos, seja o que for. Participar na infelizmente ainda pobre vida associativa da nossa Faculdade é um *must*. Há que aprender também fora da sala de aula, fazer a diferença junto de pessoas que partilham connosco uma mesma chama por um determinado propósito. Há que crescer, ganhar experiência e enriquecer habilidades – só a Licenciatura não basta!

Se são agora estudantes da FLUL, pertencem a algo maior do que vocês. Pertencem a Letras e à Universidade de Lisboa. Tirem o máximo partido disso. Estudem, trabalhem, divirtam-se. Afinal de contas, como bem diz o *slogan*: Letras abre Mundos. E agora, essa abertura de mundos, depende também de vocês, da vossa contribuição. Nem sempre será fácil gerir todos os testes que terão, os trabalhos, as atividades extracurriculares e a vida pessoal. Porém, se há algo que aprendi – e continuo a aprender – com a Faculdade é que ter um método de trabalho é essencial. Sem organização, a coisa complica ainda mais: são muitas cadeiras, muita matéria, muito que estudar. Mais do que ter um plano, se eu pudesse recomendar alguma coisa, é necessário ter vários planos. E incluir neles, sempre, como uma vez me disse um Professor: «muito sal».

Como escreveu Pessoa: «É a hora!»

Façam a diferença.

## Programa de Mentoria

A Faculdade de Letras está a organizar mais uma edição do Programa de Mentoria. Esta iniciativa tem como principal objetivo ajudar todas as pessoas que chegam à Instituição atribuindo-lhes uma colega que esteja no 2º ou 3º ano do mesmo curso.

Se estás em Ciências da Linguagem, Estudos Africanos/Asiáticos/Clássicos/de Cultura e Comunicação Intercultural/Europeus/Portugueses, Filosofia, História, História da Arte, Línguas, Literaturas e Culturas ou Tradução, abre o teu e-mail institucional e entra em contacto com a pessoa selecionada para te acompanhar.

Faz amigos e diverte-te!



## Folklore

Autoria: Mariana Faísca  
Tradução: Carolina Franco  
Ilustração: Nobre Bastos

«Tens a certeza que temos mesmo de passar por... aquilo?» afirmou Emlyn ao deparar-se com o cenário que estava à sua frente.

«É a única maneira. A não ser que queiras morrer de frio a nadar no lago.»

«Honestamente, não parece assim tão mau comparado a isto.»

Aidric começou a caminhar em direção ao castelo gigante. As paredes estavam em ruínas, com lianas a escapar por todas as fissuras que conseguiam encontrar. O único barulho que se conseguia ouvir era o vento que assobiava lá fora. Emlyn não conseguia entender onde é que Aidric arranjava a coragem, ou a estupidez, para atravessar este castelo. Ao entrarem, o buraco gigante do teto alto do castelo e as suas janelas estilhaçadas deram arrepios a Emlyn – o que é que aconteceu aqui? O duo andava perto um do outro, com cuidado para não tropeçarem na abundância de raízes que estavam no chão. À medida que caminhavam, o cenário tornava-se cada vez mais intimidador. Manchas de sangue espalhavam-se pelas paredes e chão. Emlyn rezou para que estivessem perto da saída. Claramente, aquilo que tinha acontecido dentro daquele castelo foi terrível, e ela tinha a sensação que se não saíssem dali a tempo, nunca mais o fariam. Como o cadáver pendurado no topo das escadas. Espera... porque é que está um cadáver pendurado no topo das escadas?

Os cabelos da nuca de Emlyn arrepiaram-se ao ouvir um grunhido petrificante vindo do primeiro andar.

«O que raio foi aquilo?» a voz de Emlyn subiu de tom. Ela olhou para Aidric e, de repente, o caçador não parecia tão destemido como antes.

«Cala-te.»

«Eu disse para te cala-» parou ele a meio, enquanto olhava para Emlyn. «Corre.» Ele empurrou-a para a sua frente. A rapariga não resistiu em olhar pelo seu ombro, olhando para os olhos vermelhos e zangados que os observa-

va de volta. De seguida, ela fez exatamente aquilo que Aidric lhe disse para fazer – correu o mais rápido que conseguia, desviando-se de raízes e pedras sem nunca olhar para trás. Emlyn conseguia ouvir os passos e grunhidos da criatura atrás deles. Estava cada vez mais perto.

«Estamos quase lá! Rápido!» Aidric gritou, mas Emlyn sabia que não iriam conseguir. A criatura de olhos vermelhos era demasiado veloz. Enquanto saltava pelos obstáculos, a rapariga ouviu um grito arrepiante. O seu estômago caiu – aquilo não foi a criatura. Virando-se para trás, viu que o monstro alcançara Aidric e o atacara. Ele era um lutador brilhante, porém as suas espadas com duas lâminas não se comparavam a uma criatura daquele tamanho.

«Emlyn, corre!»

Ela não podia deixá-lo. Ela precisava que ele a levasse àquela caverna. Ela precisava *dele*. Por isso, indo contra tudo o que lhe fora dito e ignorando todos os avisos que a sua falecida tia lhe dera, Emlyn caminhou para o campo de batalha e libertou tudo aquilo que manteve escondido pelos últimos 23 anos. Aidric olhou para a Emlyn e apercebeu-se que todas aquelas histórias que o seu pai lhe contara quando era mais novo não eram apenas histórias – eram a verdade.



## Carmesim

Autoria:Tiago Correia  
Edição:António Santos  
Ilustrador: Nobre Bastos

Ouvi dizer que  
É hedionda  
A visão da morte sazonal.

Ao que retruquei, o carmesim  
É a cor da vitória, não do fim,  
Que finda a jovialidade, nutre  
novo cravo cercano a baioneta.

É a cor da entranha purgada,  
Do fel curado,  
Que no outono replica o seu passado.

Tiago Correia, 30 de junho de 2023  
"Um obrigado a todos os meus colegas do Jornal *O Cola*."



## Cursos Extra-Curriculares

Tens interesse em aprofundar as tuas *soft skills*? Em aprender como comunicar com um público ou que discurso adotar numa entrevista de emprego?

A *Speak and Lead*, juntamente com a *Skills and Lead*, oferecem-te diversos cursos extracurriculares para adquirires e desenvolveres diversos conhecimentos nas mais variadas áreas. Desde Língua Gestual Portuguesa, Comunicação em Entrevistas, Gestão de Stress a Finanças para não-financeiros. Aventura-te e descobre mais !

O valor dos cursos depende consoante a carga horária e estão disponíveis vários packs que incluem três cursos à escolha (dos 90€ aos 180€).

\*Para saberes mais vai a [speakandlead.pt](http://speakandlead.pt) ou a [skillsandlead.pt](http://skillsandlead.pt).

# Colassificados

Queres envolver-te no espírito académico, mas não sabes como?  
Neste **Colassificados** apresentamos-te alguns núcleos e grupos da tua faculdade.



## Núcleo de Estudos Portugueses

@nucleo\_estudos portugueses

O Núcleo de Estudos Portugueses foi fundado em 2018, tendo como principal objetivo a difusão da cultura e literatura portuguesa. Hoje em dia, o Núcleo está também envolvido em diversas iniciativas e atividades de promoção da comunicação e colaboração entre todos os alunos da licenciatura de Estudos Portugueses.



## Grupo de Teatro de Letras

@grupodeteatrodeletras

É com entusiasmo que o GTL inicia mais um ano letivo com o grande mestre Ávila Costa! O Grupo de Teatro de Letras é um dos três grupos de teatro académico mais antigo de Portugal. Se tiveres interesse em juntar-te a nós dirige-te à AE ou contacta-nos (grupodeteatrodeletras@gmail.com) para mais informações. Esperamos por ti!



## Artigo 42 - Núcleo Estudantil de Criação Artística (NECA)

@artigo.42

O NECA-Artigo 42 é um núcleo que se propõe a oferecer uma plataforma para os estudantes da FLUL criarem arte em coletivo. Todos os anos desenvolvemos novos projetos de natureza diversa de modo que os estudantes possam explorar o seu lado criativo de forma livre. Para além disso, o NECA oferece apoio a projetos pessoais de estudantes e também tem como objetivo ser um espaço de partilha de trabalhos artísticos.



## Núcleo de Estudos e Estudantes Africanos

@neea.flul

O NEEA foi criado pelos estudantes da licenciatura de Estudos Africanos. A sua criação foi pertinente para criação de algo que representasse os interesses dos alunos africanos e afrodescendentes. Desta forma, este núcleo é composto por estudantes comprometidos pela criação de um espaço inclusivo e representativo do corpo de estudantes da Faculdade de Letras. E é, deste modo, que zela pela integração e bem-estar dos mesmos.



## Núcleo de Estudantes de História

@neh\_flul

O Núcleo de Estudantes de História da Faculdade de Letras de Lisboa é um organismo de associativismo estudantil dos estudantes dos vários graus de ensino em História. A nossa missão é promover a reflexão nesta área, o trabalho conjunto e a união entre os estudantes.



## NostraTuna

@nostratunafilul

A NostraTuna é uma das tunas femininas da FLUL com o objetivo de dar a conhecer o nosso trabalho, espalhando música pelos vários cantos do país. Com quase 5 anos de história, já tivemos a oportunidade de espalhar a nossa música e alegria por imensas localidades e festivais de tunas. Queremos continuar a deixar a nossa marca e gostaríamos de contar contigo para continuar a escrever a nossa história! Podemos contar contigo?



### Núcleo de Cinema e Vídeo

@nucivo\_flul

Olá! Somos o núcleo de cinema da FLUL. Além de escrevermos críticas com visionamentos exclusivos de imprensa, falarmos num *podcast* e ainda organizarmos ciclos temáticos, somos um local de encontro, partilha e livre expressão entre cinéfilos. Fazemos reuniões semanais, abertas a quem quiser participar, por isso, venham ver!



### Núcleo de Meditação da FLUL

@meditacao.flul

O Núcleo de Meditação da FLUL é uma organização de alunos dedicados a praticar meditação na faculdade e desenvolver atividades relacionadas com meditação. A nossa missão é promover uma prática de meditação inter-espiritual que promova a saúde mental dos alunos. Para além de sessões regulares de meditação, temos atividades como palestras com representantes de várias tradições contemplativas, encontros ao ar-livre, e parcerias com outros núcleos da FLUL ou mesmo associações externas à faculdade.



### RATA - Real Académica Tuna Acapella

@realacademica tunacapella

Fundada em 2015, a Real Académica Tuna Acapella trouxe o mundo das tunas femininas à Faculdade de Letras.

Através do sonho de várias alunas, foi criada a única tuna acapella do país.

Neste momento conta com mais de 40 membros e pretende continuar a crescer e a encantar os corredores de Letras!



### Núcleo de Estudantes de Estudos Gerais

@neg.ulisboa

O NEG foi criado por e para todos os estudantes de Estudos Gerais perdidos entre as infinitas possibilidades e dilemas deste curso multifaculdade. Quer precisas de ajuda (informações, apontamentos, convívio, conselho, etc.) ou de um lugar para desenvolver os teus projetos, no NEG vais poder encontrar a tua casa para estes anos!



### Liga de Estudos Asiáticos

@liga.easiaticos

A Liga de Estudos Asiáticos é um Núcleo constituído pelos alunos de Estudos Asiáticos. Desde 2012, a LEA vem promovendo a cultura/história asiática, muitas vezes em colaboração com outras identidades como embaixadas, fundações culturais e professores. O maior evento realizado pela LEA, organizado todos os anos no final de cada ano letivo, é o Festival das Culturas Asiáticas que se divide em 4 dias: Ásia Oriental, Sueste Asiático, Médio Oriente e Ásia do Sul.



### Sociedade Ecológica Estudantil

@see.flul

A Sociedade Ecológica Estudantil tem como principal objetivo trazer o debate sobre o ambiente, a sustentabilidade, o movimento ecológico e o combate às alterações climáticas para um plano primário dentro da nossa casa, que é a Faculdade de Letras. Neste sentido, estamos abertos a qualquer estudante que se reveja nestas lutas e esteja disposto a lutar por um mundo melhor, pois não existe um Planeta B.

## Adiciona o teu anúncio!

O *Colassificados* destina-se a divulgar atividades e projetos da comunidade estudantil para a comunidade estudantil. Se quiseres que o teu anúncio apareça na próxima edição, contacta-nos via *Instagram* (@jornalocola) ou *e-mail* (jornalocola@gmail.com).



### Núcleo de Estudantes de Estudos Europeus da Universidade de Lisboa

@nesteuflul

O NESTEU é o órgão de representação e interação dos alunos do curso de Estudos Europeus, tendo como responsabilidades e competências ser o intermediário entre os estudantes e órgãos como a Federação Nacional dos Estudos Europeus ou a Universidade de Lisboa.

### Somente Eu

Autoria: Sofia Lopes  
Edição: Matilde Mala  
Ilustração: Nobre Bastos

Arruma,  
Varre,  
Limpa,  
Cozinha.

É o que me dizem diariamente.

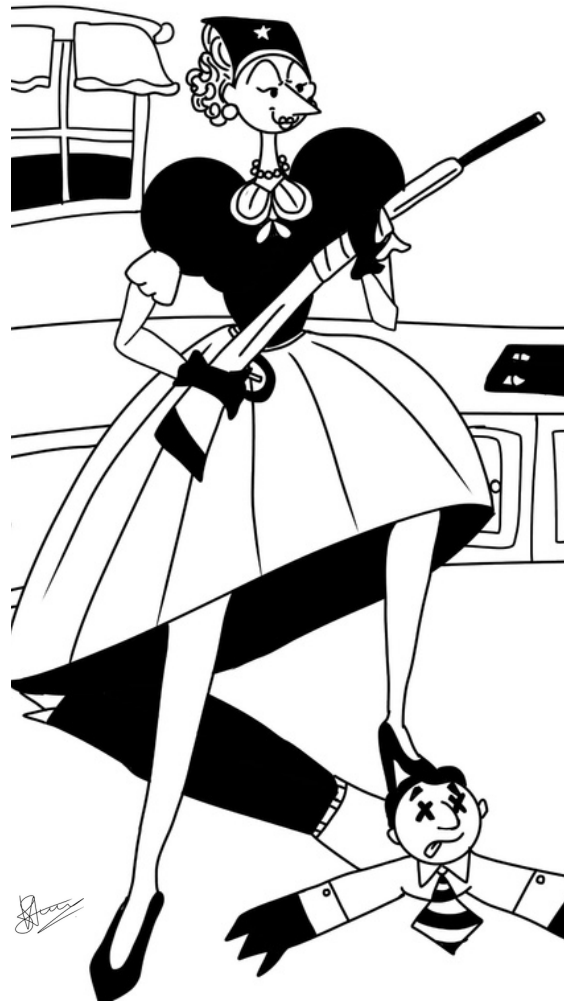
Nunca me dizem para  
Ler,  
Pintar,  
Sorrir,  
Viver.

É o preço de ser mulher numa sociedade em que o teu valor é definido por como cuidas da tua casa, por como cuidas do teu marido, por como cuidas dos teus filhos, por como cuidas dos outros todos, não por como cuidas de ti.

Lava,  
Estende,  
Engoma,  
Dobra.

Não! Não! Não!

Não me apetece lavar, estender, engomar ou dobrar o que seja. Apetece-me gritar. Arrancar a minha pele. O meu sexo. Somente existir como uma essência, nua e serena. Assim, ninguém me pediria nada. Ninguém exigiria nada de mim. Viveria. Cultivar-me-ia. Não existiriam roupas para dobrar, uma casa para limpar ou um marido para criar. Existiria somente EU.



### Banho de Floresta

Adoras a natureza? A ULisboa tem a atividade perfeita para ti!

No dia 17 de setembro, realizar-se-á, no Jardim Botânico da Universidade de Lisboa, o «Banho de Floresta», uma atividade proveniente do Japão que tem como objetivo conectar o ser humano à natureza através de experiências sensoriais.

A inscrição não tem qualquer custo e poderá ser feita para o email [geral@museus.ulisboa.pt](mailto:geral@museus.ulisboa.pt).

\*Para mais informações consulta o site da ULisboa, na secção Agenda.

## Mundo das Formas

Autoria: Mariana Raminhos

Edição: Inês Cândido

Ilustração: Nobre Bastos

Às vezes questiono-me se a ideia de «almas gémeas» fará algum sentido. De certa forma, tenho todo o entendimento do que é gostar mesmo de alguém, mas parece-me incerto o fundamento do romantismo à volta da monogamia. Um ser humano, por natureza, tem interesse nos mais variados assuntos e pessoas, então, dentro desta complexidade, como é que o amor pode ser algo tão simples como dedicar exclusivamente toda a nossa adoração?

Tenho dentro de mim o mais profundo carinho pela minha família e amigos e é factual que o sentimento que tenho por um não diminui o que sinto pelo outro. Também não vivo sem ir à praia, apreciar a arquitetura de Lisboa ou tentar decifrar o conceito do que é ou não arte. Tudo isto me cativa e define os traços de personalidade nas mais brutas mutações possíveis, numa procura constante pelo equilíbrio do meu ser. Mas é curioso, pois só encontrei a paz quando passei a ter a perspetiva de que o amor, na sua mais pura forma, está naquilo que fazemos e recebemos. É sobre o coração palpitar mais rápido e não conseguir esconder um sorriso que também não quer ser escondido. Pergunto-me se a causa de tais acontecimentos gira em torno de uma só pessoa, quase como se esse fosse o meu único desejo. Porém a resposta é sempre a mesma: parte de mim pertence a todos aqueles que ficam a vaguear entre os meus pensamentos e que procuro incansavelmente tornar eternos. Penso que a constante da vida são as pessoas que passam e deixam algo connosco, que pode ser tão simples como um hábito, num perpétuo encontro do que queremos ser.

A vontade de construirmos uma melhor versão de nós mesmos é despertada inevitavelmente. Acredito que esta inspiração nos possa atingir por várias pessoas e de formas únicas, simultaneamente. Os relacionamentos que mais me fizeram crescer emocionalmente foram sempre platónicos e se hoje sei o que é amar, foi graças a quem me amou de volta. Penso que seja também sobre mostrar vulnerabilidade a todos aqueles que um dia se importaram comigo, sem guardar rancor nem posse de algo que nunca foi meu também. Há uma distinção entre manter alguém no mundo das formas que Platão dizia existir e querer manter uma relação que já não existe na vida real.

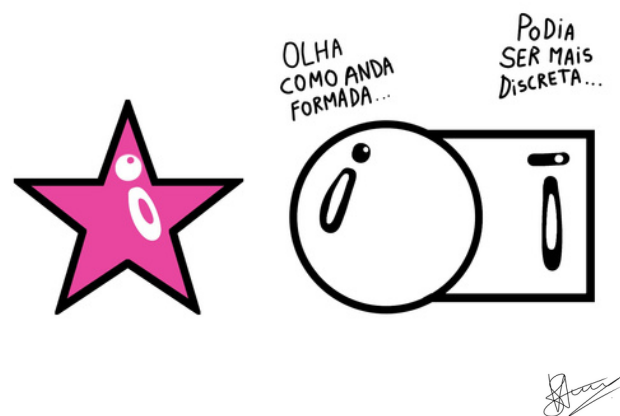
A questão das almas gémeas é uma âncora para continuar a dar vida a algo que já morreu há muito tempo, onde não há espaço para a mudança e incerteza. Resume-se a atribuir uma conotação negativa ao facto de nada estar destinado, que simplesmente é a realidade que muitos escolhemos ver.

### Colóquio: Centro de Estudos Clássicos

O Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras apresenta, durante os dias 4, 5 e 6 de dezembro, o colóquio *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa*.

Este colóquio tem como objetivo a promoção de discussão e o confronto de ideias sobre a Antiguidade Greco-Latina nas Literaturas Portuguesa, Brasileira e PALOP.

\*Estão disponíveis mais informações no site da FLUL, na secção Agenda.



# Peça Criativa

---

## Noite

Autoria: Catarina Baptista  
Edição: Matilde Freitas  
Ilustração: Nobre Bastos

A noite perturba-me.  
Desconcentra-me.  
Desfoca-me.  
Abandona-me.

À noite, deixo a Terra.  
Olho de cima e vejo, lá em baixo, uma multidão de razões para não voltar.

A noite perturba-me.  
Traz consigo pequenos lembretes de que é longa, como o barulho dos grilos que perdura até o Sol nascer e o brilho das estrelas que ilumina o breu até a Lua cair.

O silêncio da noite perturba-me porque não se cala, não me deixa dormir. Passa o tempo todo a falar comigo, mesmo quando já o tentei afastar.

À noite, sou capaz de ver as galáxias à minha volta. Sinto-me perdida no vácuo do espaço, presa na procura por atingir um planeta que me puxe para si. Que me dê terra.

Adoro a Terra. A sua gravidade recorda-me de que tudo volta ao sítio onde pertence. Como uma maçã que cai da árvore para o chão, onde servirá um propósito mesmo após a sua morte.

À noite, o relógio pára. Mas o barulho dele percorre-me como um curso de água que vai da nascente até ao leito. O seu tic-tac embala-me em pensamentos noturnos que me acompanham até ao madrugada.

Quando o Sol nasce e se faz dia, quase me esqueço de que, mais logo, a noite voltará a perturbar-me. O rasgo de esperança que o Sol traz consigo faz, por vezes, valer a pena o distúrbio noturno.



## Feira do Livro CEComp

O Centro de Estudos Comparatistas vai organizar, de 18 a 29 de setembro, uma Feira do Livro que tem como principal objetivo festejar junto da comunidade académica os resultados científicos obtidos nas suas investigações.

A feira vai estar aberta ao público disponível entre as 11h e as 16h, no Átrio do Bar da Cave, e poderão encontrar as mais recentes publicações do CEComp.

\*Estão disponíveis mais informações no site da FLUL, na secção Agenda.

## Gorongosa, um exemplo de recuperação

Autoria: Filipe Marçal  
Edição: Matilde Freitas  
Ilustrador: Nobre Bastos

O Parque Nacional da Gorongosa localiza-se em Moçambique, mais concretamente, na província de Sofala, na extremidade sul do Vale do Rift do leste africano, contando com uma área de cerca de 4.000 quilómetros quadrados. A Gorongosa estende-se sobre uma planície de aluvião e é composta por montanhas, planaltos, desfiladeiros, savanas e também zonas húmidas, desfrutando de abundantes chuvas sazonais, uma grande biodiversidade e um solo fértil, o que propicia grandes concentrações de vida selvagem. A Vila Gorongosa é a maior cidade da zona. Atualmente, existem quase 200.000 pessoas a viver em comunidades tradicionais em redor do Parque. O Parque Nacional da Gorongosa é considerado um dos lugares com maior biodiversidade da Terra e é hoje uma das principais áreas de conservação de Moçambique.

A Gorongosa foi inicialmente criada pela administração colonial portuguesa como reserva de caça em 1921. Mais tarde, em 1960, foi oficialmente criado o Parque Nacional e, em 1975, Moçambique consegue a sua independência de Portugal. É dois anos mais tarde, em 1977, que se dá início ao pior período para o Parque, com o surgimento de uma longa e muito violenta guerra civil no país. Esta guerra entre o Governo de Moçambique, controlado pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) teve lugar de forma sucessiva dentro do Parque e na Serra da Gorongosa. Também conhecida como a Guerra dos Dezasseis Anos, durou até 1992 e mergulhou o país em grandes confrontos, fazendo cerca de 1 milhão de mortos por combates e pela fome em todo o país.

Durante a guerra, a Gorongosa serviu de refúgio da RENAMO. Este facto revelou-se fatal, pois quando o exército nacional avançou para os confrontar, foram travados combates no terreno (1). Para além de todas as outras baixas, foi registada uma carnificina na savana: população de elefantes, por exemplo, foi praticamente dizimada pela carne e pelo marfim, que eram vendidos para comprar armas e munições de forma a alimentar a guerra. Para além do massacre de elefantes para a compra de armamentos, milhares de zebras e outros animais de grande porte foram mortos para consumo. Durante este conflito de 16 anos, a população de fauna bravia sofreu enormes perdas, o que resultou no desaparecimento de 90% da vida sel-

vagem e num declínio de 99% da população de algumas espécies de grande porte que habitavam o parque, inclusive algumas espécies desapareceram completamente. Para piorar a situação, depois da guerra, caçadores furtivos ajudaram à chacina, reduzindo ainda mais a população animal do Parque. Para além da caça furtiva, também algumas comunidades vizinhas instalavam armadilhas para capturar os possíveis animais comestíveis que ainda restavam (2).

Só em 2004 começa a surgir alguma esperança quanto ao futuro do Parque, pois é nesse ano que Joaquim Chissano, então presidente de Moçambique, é convidado a visitar a Universidade de Harvard para proferir uma palestra. O convite partiu de Greg Carr, um empresário e filantropo americano (3). Mais tarde, Carr soube que Nelson Mandela, então presidente da África do Sul e alguém muito admirado pelo empresário, estava a colaborar com o presidente de Moçambique para a criação de «parques da paz» – parques nacionais transfronteiriços para a conservação da vida selvagem e benefício das populações locais (4).

Nesse mesmo ano, e na primeira visita de Carr ao Parque, o presidente Chissano que, segundo Greg Carr, «adorava parques nacionais» convida-o a restaurar a Gorongosa. Também em 2004, é criado o Projeto de Restauo da Gorongosa (5), uma parceria entre o governo moçambicano e a Fundação Gregory C. Carr, com sede nos EUA (6). Em 2008, é dado um grande passo para a recuperação do Parque: em conjunto com o Governo moçambicano, a fundação de Greg Carr assina um acordo de gestão do parque por 20 anos. Em 2018, este acordo de gestão conjunta viria a ser prolongado por outros 25 anos (7).

À reportagem do programa *60 Minutes* da CBS, Carr revelou que, quando assumiu o parque, tiveram de ser removidas mais de 20.000 armadilhas que ainda se encontravam presentes por causa da guerra (8). Desde que a fundação de Carr assumiu a gestão do Parque, tem-se assistido a uma evolução muito positiva em diversas áreas. No caso da recuperação da vida selvagem, segundo Pedro Muagura, administrador do Parque, tem-se registado um «crescimento exponencial» de 10.000 para mais de 100.000 animais (9). A mais recente contagem de animais, feita em outubro de 2022, mostra que a biodiversidade da Gorongosa continua em crescimento e que os números de fauna bravia chegaram até a bater novos recordes, superando agora os 102.000 animais (10). Mark Stalmans, di-

retor do departamento de Ciências do Parque, refere que «o crescimento das populações que restaram é uma história de sucesso» (11).

Ao mesmo tempo, muitos animais foram reintroduzidos no Parque. Também na reportagem do *60 Minutes*, o filantropo americano conta como se desenvolveram os primeiros projetos de reintrodução: inicialmente foram trazidos os herbívoros e só mais tarde foram os carnívoros trazidos de volta (12). A reintrodução dos mabecos (cães selvagens africanos), por exemplo, revelou-se um sucesso: multiplicaram-se de tal forma que a Gorongosa até já os envia para o Maláui, país vizinho. Depois deste sucesso, o mais recente caso de reintrodução foi o das hienas, que já tiveram crias (13). Este ano, o Parque conta reintroduzir mais hienas para, tal como os mabecos, ajudarem os leões na tarefa de predação, uma tarefa muito importante, pois são estes predadores que ajudam a manter o bom funcionamento do ecossistema. O caso dos leões é bastante interessante: estima-se que, com a guerra civil, estes animais tenham desaparecido quase por completo, mas os poucos que restaram (menos de uma dezena) foram suficientes para hoje serem mais de 100 sem qualquer programa de reintrodução, ou seja, a população de leões cresceu por si só. Também o leopardo, que havia desaparecido, foi recentemente reposto. Da mesma maneira que o Parque reintroduziu os predadores, está também a planear o reforço de zebras, tal como já aconteceu com búfalos e gnus. Há ainda um projeto na gaveta, a reintrodução dos rinocerontes-negros, pois em tempos também estes animais deambulavam pela Gorongosa. Porém, esta reintrodução será difícil por gerar um risco elevado de atrair caçadores furtivos (14).

Apesar de todo este foco nos animais, obviamente necessário, o Parque não se esquece das pessoas que o rodeiam e que dele fazem parte. Daí que a Gorongosa se apresente como um «parque de direitos humanos», em que «a conservação e o desenvolvimento humano têm de andar de mão em mão» (15). Isto traduz-se em benefícios concretos para as populações vizinhas, em diversas matérias, como cuidados de saúde, ensino, agronomia e desenvolvimento económico – também protege a paisagem, os corpos de água e os tipos de diversidade biológica (16). Desde que começou a ser gerida pela fundação de Greg Carr, a Gorongosa tem aliado projetos sociais à

conservação, fazendo parceria com o governo moçambicano nas áreas da saúde e da educação. Os projetos sociais do Parque dão um grande foco às raparigas vulneráveis, com os «Clubes das Raparigas», que se reúnem diariamente, antes ou depois das aulas, em aldeias vizinhas do Parque, e chega a juntar mais de duas mil raparigas. Aqui praticam diversas atividades, centradas na alfabetização, na saúde reprodutiva e no lazer, com o intuito de promover o ensino, os direitos das crianças e formas de evitar o HIV/SIDA, o que contribui para que as raparigas se mantenham na escola (17). Desta forma, o Parque protege estas raparigas dos perigos que enfrentam: o casamento precoce forçado, a gravidez frequente, os problemas de saúde e a interrupção dos estudos (18). Muito focado nas comunidades, o Parque criou um projeto em que introduziu o cafeeiro como cultura nas suas explorações agrícolas, contribuindo para a reflorestação da montanha com árvores de sombra. Durante décadas, as comunidades serranas viviam numa existência precária, onde cortavam árvores para cultivar milho, que era a sua cultura de sustento (19). Este é um parque inclusivo, apesar da grande diversidade de nacionalidades dos cientistas e gestores do parque, há cada vez mais moçambicanos em posições de liderança (20).

O Parque conta com mais de 300 fiscais que, com o seu olhar atento, protegem diariamente a vida destes animais. A força de vigilantes da natureza da Gorongosa inclui onze mulheres. Todas as manhãs, as patrulhas recebem instruções por SMS e fazem as suas rondas pelo parque à procura de armadilhas de laço e tentando dissuadir a atividade dos caçadores furtivos (21). Todo o foco e trabalho árduo destes homens e mulheres, que dão tudo de si para proteger os animais, têm reflexo no crescimento da fauna. Para além de hoje ser um dos maiores ecossistemas do país, a Gorongosa é casa de um centro de atividade científica preparado para explorar, documentar e proteger a biodiversidade do Parque.

Assim, é agora local de estudo para a próxima geração de biólogos e estudantes de preservação da vida selvagem e está a afirmar-se como um pólo de investigação, atraindo cientistas de todo o mundo (22).

O impacto das alterações climáticas tem-se revelado como um desafio a temer, deixando

os funcionários apreensivos. Por exemplo, o administrador Pedro Muagura, que trabalha no parque há 16 anos e o dirige há 10, afirma que a irregularidade com que as chuvas passaram a cair está a causar desequilíbrios visíveis (23). Refere que um dos problemas é que «às vezes a chuva cai muito cedo, outras vezes muito tarde, às vezes cai menos ou não cai» (24). Tudo isso tem impacto na reprodução animal, na vegetação e na migração dos animais, prejudicando assim tanto a fauna e flora, como outras atividades, como a agricultura (25). Também tem impacto nas comunidades e nos fornecedores locais do Parque, aberto ao turismo, com unidades hoteleiras e mais de 1.200 funcionários (26).

Dizimados por uma longa e dura guerra civil, o Parque Nacional da Gorongosa e a sua vida selvagem encontram-se ainda em recuperação. Tanto a proteção melhorada, como a reintrodução estratégica de várias espécies de animais foram fundamentais para o aumento significativo no número de animais. O futuro dos animais do Parque depende também da esperança que é dada às comunidades que vivem à sua volta: para que eles prosperem, é importante que também os seres humanos prosperem. A Gorongosa continua a ser a maior reserva de biodiversidade de Moçambique e é considerada um dos lugares da Terra com mais biodiversidade. Mark Stalmans refere-se ao Parque como «uma demonstração emblemática de como a recuperação da vida é possível quando se cuida de um ecossistema e ele é saudável» (27). Desde que Greg Carr investiu na Gorongosa, tendo já gasto mais de 100 milhões de dólares da sua fortuna pessoal no Parque, este tem-se revelado um grande projeto, não só de conservação da vida selvagem, como de cariz social.

A expansão dos programas de desenvolvimento humano mostra-se crucial, destaque para os Clubes de Raparigas, que ajudam e protegem este grupo mais vulnerável, apoia tanto no ensino primário e secundário, como também com bolsas de estudo (28).

O Parque mostra-se empenhado em capacitar as comunidades locais e em melhorar a sua qualidade de vida, procurando promover meios de subsistência compatíveis com a conservação da biodiversidade.

As suas intervenções pretendem garantir a saúde e a resiliência a longo prazo das pes-

soas e dos ambientes dos quais elas dependem (29). Cada vez mais, caminha a passos largos para consolidar o seu estatuto de «parque de direitos humanos», onde serve tanto a natureza como as pessoas, supervisionado por moçambicanos e em partilha com o mundo. O trabalho e esforço destas pessoas dá-nos mais do que motivos para encarar o futuro da Gorongosa com um sorriso.

#### Referências:

- David Quammen, «Um novo dia no Parque Nacional da Gorongosa, Moçambique», National Geographic Portugal (2019), [https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique\\_2140](https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique_2140)
- David Quammen, «Um novo dia no Parque Nacional da Gorongosa, Moçambique», National Geographic Portugal (2019), [https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique\\_2140](https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique_2140)
- Ibid.
- Ibid.
- Ibid.
- Ibid.
- Fonseca, Luís. «Fauna da Gorongosa bate recorde, mas enfrenta "descomando" da chuva», Lusa, (2022). [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva\\_n1449917](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva_n1449917)
- Rebuilding and repopulating Mozambique's Gorongosa National Park, 60 Minutes, [https://www.youtube.com/watch?v=Es9k\\_9EZ-kw8ab\\_channel=60Minutes](https://www.youtube.com/watch?v=Es9k_9EZ-kw8ab_channel=60Minutes) (Acedido a 2 de julho de 2023)
- Rebuilding and repopulating Mozambique's Gorongosa National Park, 60 Minutes, [https://www.youtube.com/watch?v=Es9k\\_9EZ-kw8ab\\_channel=60Minutes](https://www.youtube.com/watch?v=Es9k_9EZ-kw8ab_channel=60Minutes) (Acedido a 2 de julho de 2023)
- Ibid.
- Ibid.
- Rebuilding and repopulating Mozambique's Gorongosa National Park, 60 Minutes, [https://www.youtube.com/watch?v=Es9k\\_9EZ-kw8ab\\_channel=60Minutes](https://www.youtube.com/watch?v=Es9k_9EZ-kw8ab_channel=60Minutes) (Acedido a 2 de julho de 2023)
- Fonseca, Luís. «Fauna da Gorongosa bate recorde, mas enfrenta "descomando" da chuva», Lusa, (2022). [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva\\_n1449917](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva_n1449917)
- David Quammen, «Um novo dia no Parque Nacional da Gorongosa, Moçambique», National Geographic Portugal (2019), [https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique\\_2140](https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique_2140)
- Fonseca, Luís. «Fauna da Gorongosa bate recorde, mas enfrenta "descomando" da chuva», Lusa, (2022). [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva\\_n1449917](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva_n1449917)
- David Quammen, «Um novo dia no Parque Nacional da Gorongosa, Moçambique», National Geographic Portugal (2019), [https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique\\_2140](https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique_2140)
- Ibid.
- Ibid.
- Ibid.
- Ibid.
- Ibid.
- «Gorongosa: um caminho para o futuro», Euronews, <https://pt.euronews.com/2018/07/09/gorongosa-um-caminho-para-o-futuro> (Acedido a 2 de julho de 2023)
- Fonseca, Luís. «Fauna da Gorongosa bate recorde, mas enfrenta "descomando" da chuva», Lusa, (2022). [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva\\_n1449917](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva_n1449917)
- Ibid.
- «Fauna aumenta para novos máximos na Gorongosa», Euronews, <https://pt.euronews.com/video/2022/11/28/fauna-aumenta-para-novos-maximos-na-gorongosa> (Acedido em 2 de julho de 2023)
- Fonseca, Luís. «Fauna da Gorongosa bate recorde, mas enfrenta "descomando" da chuva», Lusa, (2022). [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva\\_n1449917](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/fauna-da-gorongosa-bate-recorde-mas-enfrenta-descomando-da-chuva_n1449917)
- Ibid.
- «Desenvolvimento Humano – Um Parque para o Povo», Parque Nacional da Gorongosa, <https://gorongosa.org/desenvolvimento-humano/?lang-pt-pt> (Acedido a 2 de julho de 2023)
- Ibid.
- David Quammen, «Um novo dia no Parque Nacional da Gorongosa, Moçambique», National Geographic Portugal (2019), [https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique\\_2140](https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/um-novo-dia-no-parque-nacional-da-gorongosa-mocambique_2140)

## A Obsessão do Orientalismo no Ocidente

Autoria: Tiago Correia  
Edição: Mafalda Vale  
Ilustração: Nobre Bastos

Quando observamos atentamente o panorama sociocultural do Ocidente contemporâneo, é clara uma proliferação de determinados objetos culturais da Ásia Oriental. *Anime*, *K-Pop*, *dorama*, *sushi* e caracteres japoneses e chineses são apenas alguns dos exportados para fora da Ásia Oriental.

Parece mesmo existir uma fixação no Ocidente por estas culturas a um nível que roça a obsessão. Mas como se configura o Orientalismo moderno na consciência ocidental? Como se configuram as influências da construção do Orientalismo moderno nas dinâmicas socioculturais ocidentais? São as perguntas a que tentaremos responder ao longo desta pesquisa.

O Orientalismo, tal como apresentado por Edward Said, é um paradigma ontológico que procura a indagação sobre o Oriente, contrastar o Este e Oeste e, por fim, uma instituição que procura descrever, dissertar sobre, possuir e dominar o Oriente. Em vez de observar diretamente o mundo, o Orientalismo opera enquanto um aparelho pelo qual se inventa e analisa as pessoas, paisagens e naturezas médio-orientais e, concomitantemente, contrasta o «outro» oriental com o ocidental, legitimando a existência da Europa e a sua *mitos* (1). O «Oriente» e «Ocidente» são construções textuais instrumentalizadas para fortalecer a identidade do Oeste, diferenciando-se do Este – é um paradigma que opõe o «nós» a «eles» ou aos «outros» (2). Subliminar a esta estrutura estavam dinâmicas de desigualdade de poder, onde era possível ao Oeste construir textual e intelectualmente um Este «inferior» sem este poder responder por si. (3)

No entanto, o Orientalismo sobre o qual Said discorreu não é exatamente o que hoje vemos aqui abordar. O Orientalismo a que Said se referia era uma escola de pensamento maioritariamente dedicada à representação do médio-oriental e mundo árabe-islâmico durante o séc. XIX. (4) O nosso campo de estudo atual é o Japão na contemporaneidade e a concetualização e adoção de objetos culturais deste por parte do Ocidente, no processo de globalização. Apesar de se encontrar tecnicamente dentro da construção geográfica do «Oriente», o Japão possui características híbridas do Ocidente e do Oriente, pois tentou, num sentido político, tornar-se no Oeste. (5) Enquanto nação não-pertencente ao Oeste, o Japão claramente detinha a posição do observado, do «outro», mas, enquanto nação moderna, tentou ser um poder imperial e aprender o pensamento político oci-

dental no processo de construção das suas próprias colónias – desta forma, o seu caráter híbrido enquanto observador e observado distancia-o do Orientalismo de Said (6). Como tal, existem três vertentes do Orientalismo que se adequam à análise do Japão contemporâneo: Orientalismo Tradicional, Tecno-orientalismo e Orientalismo «Estranho» (7).



As influências do Japão começaram a demarcar-se no Ocidente quando este abriu as suas fronteiras: da década de 50 do séc. XIX até ao início da Segunda Guerra Mundial, o mercado literário anglófono foi inundado por textos a detalhar todos os aspetos do Japão, acompanhados por uma receção que, em vez de atribuir os aspetos tradicionalmente negativos e associados ao «outro» à cultura japonesa, tendia a focar-se nas características consideradas «exóticas», em enaltecer a estética da cultura tradicional e fetichizar o povo – nisto consistia o Orientalismo Tradicional no Japão. O país era caracterizado em termos do contraste entre a sua estética elegante e certos aspetos culturais violentos – termos como *geisha*, *kimono*, *zen* eram contrastados com termos violentos como *kamikaze*, *ninja*, *samurai* e, desta forma, a dicotomia proporcionava uma atmosfera de ambiguidade e mistério ao país. Os japoneses eram, simultaneamente, agressivos e pacíficos, militarizados e harmoniosos, insolentes e educados, rígidos e adaptáveis. Esta estrutura de pensamento sobre o Japão funcionava como um

mecanismo pelo qual o Oeste dominava e decidia o que o país era, o que nele era belo ou não e percecionava o diálogo entre a nação e o Oeste como um processo de absorção assimétrica e unilateral das ideias e tecnologias ocidentais pelo Japão. Apesar do seu caráter tradicional, este Orientalismo ainda se manifesta na atualidade. (8)

Com a evolução económica nipónica nos anos 80, uma nova forma de Orientalismo nasceu: o Tecno-Orientalismo. Agora que o Japão era uma superpotência tecnológica e económica ao nível da Europa e dos EUA, a sua imagem como um país retrógrado era inconcebível. O Japão agora representava uma utopia com a sua própria tecno-mitologia, sinónimo de progresso, ecrãs, cibernética, robótica, inteligência artificial e simulação. A identidade nipónica agora era cada vez mais associada à proeza tecnológica, sendo que a mesma revelava uma forma de particularismo japonês. Não obstante, no seio deste discurso de progresso residia preconceito e racismo – a ideia de que o Japão não tem só uma obsessão com robótica e inteligência artificial, que a própria sociedade é desumanizada. A retórica do progresso japonês, no fundo, escondia a inferência de que o povo era socialmente «frio», «sem alma», mecanizado, a funcionar dentro de uma cultura autoritária e burocrática. Realmente, através das lentes do Tecno-Orientalismo, o Japão é visto como uma distopia futurista e capitalista, com cidadãos desprovidos de emoções, alienados do resto do mundo. Ao passo que o Orientalismo se foca na dicotomia entre os «outros» serem «bárbaros» e «nós» civilizados, o Tecno-Orientalismo concentra-se em «nós» sermos humanos e os «outros» máquinas. (9) Esta perspetiva teve origem nos anos 80, mas mantém a sua expressão na concetualização ocidental dos japoneses até hoje.

O Orientalismo e o Tecno-Orientalismo justificadamente dir-se-ão tentativas pelo Ocidente de dominar o Oriente através da construção e estereotipação de um conjunto de lugares sem que lhes seja possível endereçar estes preconceitos. O mesmo registo estende-se à terceira via de Orientalismo que exploraremos, o Orientalismo «Estranho». Esta forma poderá ser o expoente máximo da diferenciação cultural exercida pelo Ocidente, pois edifica a ideia de normalidade e subseqüentemente contrasta o «eu» normal com o «outro» bizarro japonês, legitimando-se

no processo.

Estabelecidas as perspetivas de que o Ocidente emprega na sua compreensão do Japão, indaguemos: como se iniciou este fascínio ocidental pela cultura japonesa? Durante a grande maioria do século passado, o Japão apresentou, superficialmente, duas facetas ao mundo global exterior: o Oriente «exótico», a terra do *samurai*, da *geisha* vestida de *kimono* e o místico budismo e o Japão, o grande poder, primeiramente militar e depois económico, com um impacto formidável na vida dos demais, mas nem sempre positivo (10). No panorama cultural internacional, o Japão era um interveniente muito pouco influente – a sua maior influência estava patente na proliferação global dos aparelhos eletrónicos que produzia e que serviam como instrumentos para a reprodução da produção cultural ocidental. Apesar da influência japonesa nas tecnologias de consumo cultural, não existia uma «presença cultural japonesa» a uma escala transnacional – a presença global de Hollywood, potenciada pelo seu prestígio cultural, hegemonia ocidental, apelo da cultura popular norte-americana e prepotência da língua inglesa tornavam-na uma instituição cultural difícil de ultrapassar (11). Em comparação, a língua japonesa era pouco falada internacionalmente e a cultura japonesa supostamente demasiado fixada nas suas idiosincrasias: as exportações culturais japonesas tendiam-se a reservar a tecnologias de consumo «culturalmente neutras» (12). No panorama internacional, a cultura japonesa era séria, realizada nas artes tradicionais e produção de bens de consumo, mas não um epicentro cultural com potencial de criações atraentes que excedessem as fronteiras nacionais (13). Eventualmente, estas adversidades foram atravessadas e a cultura japonesa floresceu internamente e a nível global, igualando o seu poderio económico, mas como? Porquê?

Não será apenas pela sua qualidade, pois não faltam produtos em massa, de baixa qualidade, excepcionalmente violentos e pornográficos (14). Uma das características que marca a sua popularidade é a miscelânea de influências: não há receio na amálgama de referências tradicionais e novas, entre o nativo e o estrangeiro, entre diferentes géneros. Esta interdisciplinaridade que cria algo distinto do anterior é uma das características

fundamentais da cultura popular japonesa. (15) Qualidade e inovação são duas adicionais características: temáticas socialmente significativas e atuais, tensão e drama, comédia habilmente desenhada, planos harmoniosamente compostos, música perfeitamente adaptada às circunstâncias, sequências de abertura e créditos finais revolucionárias, a visão otimista japonesa da humanidade e do mundo que permite a exploração de todos os tópicos - desde os mais triviais aos mais problemáticos (o mundo é bom, trabalho é bom, riqueza é boa, até a guerra é boa para o vitorioso) (16).

Com esta perspectiva, existe uma menor necessidade de censurar temáticas, o mundo pode ser endereçado tal como é - a ambivalência moral é um tema recorrente e não deve ser ocultada, o mundo é bom, mesmo que imperfeito e com as suas particularidades (17).



O idealismo inocente é outra faceta da cultura popular japonesa denominada de *roman*, derivado da palavra romance: sonho, aventura, aspirar e realizar grandes feitos. Este idealismo contrasta com o cinismo e pessimismo da cultura popular norte-americana que se prolifera pelo Ocidente (18).

Uma terceira característica relevante da cultura popular japonesa é a sua proximidade à realidade que o público experiencia. Nomeadamente, com a banda desenhada norte-americana, uma das com maior expressão no Ocidente, a caricatura foi levada ao seu expoente máximo. A narrativa tem de

marcada pela incredibilidade da ação e protagonista, mas no Japão a ação é interessante pela sua normalidade: são pessoas normais a fazerem atividades diárias normais. Esta componente permite ao público relacionar-se com as personagens em ação e, conseqüentemente, investir-se mais emocionalmente no conteúdo (19).

Das particularidades da cultura popular japonesa deriva o fascínio ocidental pelo país. A cultura cínica, individualista e pessimista que impera no Ocidente e que ganha expressão pela forma da cultura norte-americana vê as suas insuficiências colmatadas pela cultura japonesa. A representação complexa de estórias e desenvolvimento de personagens, ilustração genuína da vida humana, sonhos e romance otimista, a perspectiva de crianças e o foco nas relações sociais, trabalho e força mental complementam a cultura popular ocidental, que carece deste tipo de representação cândida nos seus produtos. Estes ganham substancial expressão na sua popularização no Ocidente (20).

Mangá é uma das principais exportações culturais do Japão para o mundo e um claro produto de hibridismo cultural - importou a forma física da banda desenhada do Oeste e combinou-a com a tradição nacional centenária da arte narrativa e humor ilustrado, criando um género completamente novo, de qualidade a par com a de outros meios conhecidos, como romances e filmes, devido à sua possibilidade de complexidade visual, dramática e narrativa (21).

A música *Pop* e *Rock*, refletida em grupos como Southern All Stars e Shang Shang Typhoon, com a explosão do *J-Pop* no Ocidente revelam uma combinação única de instrumentos, línguas, estilos de canto e tradições musicais que atuam em conjunto para a produção um estilo sónico único, inovador e universalmente apelativo (22).

O *anime*, agora um género apreciado mundialmente, também viu o seu apreço crítico internacional crescer. Realizadores como Hayao Miyazaki e Katsuhiro Otomo foram reconhecidos pela beleza da sua animação e pelo realismo psicológico das suas personagens. A típica falta de censura e ambigüidade moral das personagens transparece na mundialmente conhecida série Dragon Ball, com a nudez constante do protagonista ingénuo e selvagem, Son Goku, que na

transmissão ocidental necessitou ser censurada, e na postura do seu mentor, Kame-sennin («Mestre Tartaruga»), concomitantemente habilidoso em artes marciais e a ter constantes pensamentos sexualmente pervertidos e a conspirar para a criação de situações em que poderia ver mulheres desnudas. Séries como *Naniwa Kin 'yūdo* também levam a ambivalência moral das personagens a novos patamares, tendo o protagonista encorajado a parceira de um dos clientes a trabalhar como prostituta para saldar a sua vida num episódio intitulado «If You Don't Have the Cash, Get It at a Massage Parlor» –, mas é este falhanço moral e naturalmente humano, de que o protagonista se vem posteriormente a arrepender, que fascina o público ocidental. A aproximação da vida social ao quotidiano normal das personagens permite explorar ainda mais a fundo a imperfeição destas. Nobita e Usagi, os protagonistas de *Doraemon* e *Sailor Moon*, animes mundialmente aclamados, são morosos, desportivamente medíocres, academicamente ordinários, amorosamente frustrados e incessantemente troçados pelos seus gatos de estimação. Mas, pontualmente, revelam os seus atributos positivos: ambos são esporadicamente fortes, inteligentes e bem-sucedidos – estas propriedades são relevantes, mas são ofuscadas em comparação à humanidade presente nos defeitos das figuras, algo crucial no estabelecimento de uma relação entre o espectador e o conteúdo, algo que o espectador ocidental parece apreciar profundamente (23).

As influências do Orientalismo tradicional ainda se manifestam numa conceitualização Japão: rebentos de cerejeiras e kimonos ainda são considerados objetos essenciais na cultura nipónica. Ademais, o romance *Memoirs of a Geisha* (1997) demonstra as influências deste Orientalismo em prática, o filme *The Last Samurai* (2003) descreve um cenário paternalista em que um ocidental demonstra a um Japão em modernização como honrar as suas tradições e o filme *Wolverine* (2013), que teve a ação radicada no Japão, onde estão patentes locais e temas como templos e jardins e Mariko nos é apresentada, uma bela rapariga japonesa que é escolhida para suceder o seu pai moribundo na direção de uma empresa de tecnologia e que ao longo do filme desempenha o papel da dama em apuros, apenas para ser salva pelo ocidental. Estes são os reflexos do

Orientalismo tradicional na cultura ocidental (24).

O Tecno-Orientalismo manifesta-se em filmes como o *Blade Runner* ou o romance *Neuromancer*. Ambos jogam com as ansiedades de hiper-uniformidade no contexto de uma distopia futurista japonesa. A própria música Mr. Roboto, um ícone dos anos oitenta, criticava a prevalência da tecnologia na sociedade «desumanizante» japonesa. Embora os exemplos supramencionados sejam da década de oitenta, este tipo de Orientalismo ainda influencia o presente. No filme *Ex Machina* (2015), o robô mais isento de humanidade é representado por uma atriz japonesa e é constantemente humilhado, obedecendo cegamente ao seu criador (25).

Por fim, o Orientalismo «Estranho» manifesta-se em representações do Japão como um país bizarro. Estas representações reproduzem-se em *memes* como o «WTF Japan» ou «because Japan», que procuram ilustrar um sentimento de perplexão ocidental face à suposta excentricidade da cultura japonesa – no encontro com estes, são adiadas tentativas genuínas de entender a realidade japonesa. Existe um viés de confirmação, onde os ocidentais declaram a cultura japonesa bizarra por esta não lhes ser inteligível e selecionam exemplos curados para essa confirmação, mas, simultaneamente, existe uma procura japonesa por corresponder a esse estereótipo. Este preconceito é lucrativo e um exemplo disso é o *Robot Restaurant* em *Shinjuku*, onde mulheres seminuas interagem com robôs e outras personagens mascaradas – uma atração extremamente popular entre turistas ocidentais que consideram representar a experiência essencial japonesa, mas que não é de todo consistente com o quotidiano normal japonês. Outro exemplo é o documentário da BBC2, *No Sex Please, We're Japanese* (2013), que explorava o declínio populacional japonês, atribuindo-o à hipossexualidade nos homens e a sua suposta obsessão com romance e parceiras virtuais, apesar de os japoneses interessados nestes jogos serem uma minoria residual. Um exemplo claro da construção da «normalidade» ocidental face à bizarrria japonesa está num episódio «Charles Beeson's Changing Channels» (2005) da série norte-americana *Supernatural*, em que os protagonistas participam num programa de jogos japonês, onde responder incorretamente

às perguntas resulta em serem agredidos na virilha por uma máquina enquanto uma mulher seminua serve batatas fritas ao anfitrião (26).

Em conclusão, a conceção ocidental do Orientalismo subdivide-se em 3: Orientalismo tradicional, Tecno-Orientalismo e Orientalismo «Estranho». Estes refletem-se num fascínio ocidental pela cultura japonesa, corroborado por uma indústria de cultura popular inovadora e com valor de produção, repleta e mesclada de influências culturais de vários lugares e tempos, com personagens moralmente ambivalentes e falhadas que representam o indivíduo comum. Apesar desta obsessão, ela inerentemente categoriza os japoneses em relação aos ocidentais. Não obstante o fascínio, a fixação ocidental vê os japoneses como inferiores ou, no mínimo, diferentes.

### Referências:

- 1.Said, Edward W. 2003. *Orientalism*. Penguin Modern Classics. London, England: Penguin Classics; WAGENAAR, WESTER . 2016. Review of Wacky Japan: A New Face of Orientalism. *Asia in Focus*, no. 3: 47.
- 2.Ibid.48.
- 3.Ibid.
- 4.Ferial Jabouri Ghazoul. 2007. *Edward Said and Critical Decolonization*. Cairo; New York: American University In Cairo Press.
5. Ibid, 244.
6. Ibid, 245.
- 7.WAGENAAR, WESTER. 2016. Review of Wacky Japan: A New Face of Orientalism. *Asia in Focus*, no. 3: 48.
8. Ibid, 48-49.
- 9.Ibid, 49.
- 10.Craig, Timothy J. 2015. *Japan Pop! Inside the World of Japanese Popular Culture*. London And New York Routledge. 4.
- 11.Ibid.; Koichi Iwabuchi. 2007. *Recentering Globalization : Popular Culture and Japanese Transnationalism*. Durham ; London: Duke University Press. 26.
12. Ibid, 26.
13. Craig, Timothy J. 2015. *Japan Pop! Inside the World of Japanese Popular Culture*. London And New York Routledge. 4.
- 14.Ibid, 6
15. Ibid, 7.
- 16.Ibid, 12.
- 17.Ibid, 12-13.
- 18.Ibid, 13.
- 19.Ibid.
20. Ibid, 15-17.
21. Ibid, 8.
22. Ibid, 10.
23. Ibid, 10, 12, 13.
24. WAGENAAR, WESTER . 2016. Review of Wacky Japan: A New Face of Orientalism. *Asia in Focus*, no. 3: 48-49.
25. Ibid, 49-50.
26. Ibid, 50-51.

### Bibliografia:

- Craig, Timothy J. 2015. *Japan Pop! Inside the World of Japanese Popular Culture*. London And New York Routledge.
- Ferial Jabouri Ghazoul. 2007. *Edward Said and Critical Decolonization*. Cairo; New York: American University In Cairo Press.
- Koichi Iwabuchi. 2007. *Recentering Globalization : Popular Culture and Japanese Transnationalism*. Durham ; London: Duke University Press. 26.
- Said, Edward W. 2003. *Orientalism*. Penguin Modern Classics. London, England: Penguin Classics
- WAGENAAR, WESTER . 2016. Review of Wacky Japan: A New Face of Orientalism. *Asia in Focus*, no. 3: 46–54.



## Workshop

O *American Corners Portugal* e o Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa prepararam um workshop: *Media Literacy: from theory to practice*.

Este workshop realizar-se-á no dia 11 de outubro, entre as 9h30 e as 17h, e visa abordar temas atuais sobre a educação e a literacia para os média e a importância do estudo destas matérias.

A inscrição pode ser feita até ao dia 29 de setembro (para o email [gestao.ceaul@letras.ulisboa.pt](mailto:gestao.ceaul@letras.ulisboa.pt)) e tem um custo de 10€. Todo o workshop será em inglês.

\*Estão disponíveis mais informações no site da FLUL, na secção Agenda.

## SEGUE O COLA NAS REDES SOCIAIS

Acompanha o teu jornal nas redes sociais para estares a par das nossas atividades! Estamos no Instagram, X (anteriormente conhecido como Twitter) e Facebook.



## FAZ PARTE DA EQUIPA

*O Cola* é um jornal académico fundado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A nossa equipa é formada por vários grupos, sendo eles: direção, jornalismo, edição, tradução e comunicação. Gostavas de integrar a nossa equipa e de fazer parte de um projeto em construção? Preenche o nosso formulário a partir do QR Code ou acede o link no nosso linktree no *Instagram*.

## PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal *O Cola* é um projeto de Letras para Letras, neste sentido temos todo o gosto que faças parte dele. Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição manda-nos um email para [jornalocola@gmail.com](mailto:jornalocola@gmail.com)



Associação de Estudantes | FLUL  
@aeftul  
[www.facebook.com/aeftulisboa](http://www.facebook.com/aeftulisboa)

**PARA SABERES MAIS SOBRE O JORNAL O COLA CONSULTA  
AS NOSSAS REDES:**

 @JORNALOCOLA

 @JORNALOCOLA

 JORNAL O COLA

 JORNALOCOLA@GMAIL.COM

[WWW.JORNALOCOLA.COM](http://WWW.JORNALOCOLA.COM)